

**AS DIVERSÕES EM BELO HORIZONTE NO INÍCIO DO SÉCULO XX: UM  
"FOOTING COM PEDRO NAVA"****Recebido em:** 13/08/2024**Aprovado em:** 10/12/2024**Licença:** *Rodrigo Caldeira Bagni Moura<sup>1</sup>*

Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG)

Santa Luzia – MG – Brasil

<https://orcid.org/0009-0001-5696-1885>

**RESUMO:** O objetivo central do presente artigo foi analisar qual era a importância das diversões em Belo Horizonte no início do século XX. Para alcançar este propósito utilizamos como fontes os impressos que circularam na capital mineira nos anos iniciais da cidade, trabalhos acadêmicos e livros do memorialista Pedro Nava. O intuito de utilizar também a obra de um memorialista foi ampliar os olhares, para além da imprensa, e conseguir problematizar esse período tão importante da cidade. Nesse sentido, conseguimos olhar a cidade, e perceber, nos anos iniciais da construção e da consolidação da capital planejada, um crescente e pulsante espaço repleto de possibilidades de diversão, bastante intenso e diversificado, o que de certa forma amplia e desmistifica algumas concepções presentes, até mesmo em algumas teses e dissertações publicadas, sobre o período abarcado pelo estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diversão. Cidade. Belo Horizonte.

**ENTERTAINMENT IN BELO HORIZONTE AT THE BEGINNING OF THE  
20TH CENTURY: "FOOTING WITH PEDRO NAVA"**

**ABSTRACT:** The central objective of this article was to analyze the importance of entertainment in Belo Horizonte at the beginning of the 20th century. To achieve this purpose, we used as sources the printed materials that circulated in the capital of Minas Gerais in the city's early years, academic works and books by memoirist Pedro Nava. The aim of also using the work of a memoirist was to broaden the perspective, beyond the press, and to be able to problematize this very important period in the city. In this sense, we are able to look at the city and perceive in the initial years of the construction and consolidation of the planned capital a growing and pulsating space full of possibilities for fun, quite intense and diverse, which in a certain way expands and demystifies some conceptions present even in some theses and dissertations published on the period covered by the study.

**KEYWORDS:** Fun. City. Belo Horizonte.

<sup>1</sup> Departamento de Linguagens, Educação Física.

## Introdução

Eu também. Com dez anos subi o nosso Caminho Novo, mudado para Belo Horizonte. Já tinha provado tudo que nasce do contato com o semelhante. Amizade, carinho, ódio, rancor, ciúme, rudimentos de amor. Experimentara proteção, ajuda, perseguição, desamparo e a gelatina da indiferença. Fora preferido e escorregado. Vedete e passado para trás. Sentira o arrocho dos círculos concêntricos do mundo e vira a Morte se intrometendo. Aprendera a carne, começando pela pornografia. Sabia chorar e dissimular. Conhecia, pois, a vida em suas verdades essenciais e estava pronto para a transida solidão da poesia. Vai, Pedro! Toma tua carga nas costas e segue<sup>2</sup>.

Desde o mestrado, quando investiguei o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930<sup>3</sup>, deparei-me com uma enorme quantidade de documentos sobre os divertimentos em Belo Horizonte, e diferentes representações sobre a capital mineira, os costumes do povo e os novos preceitos e práticas "autorizadas". A partir de um forte discurso legitimador, a imprensa, outras instituições, e sujeitos que circulavam pela cidade, contribuíram, a seu modo, para novas formas de sociabilidade presentes no cotidiano. Novas formas de diversões implantadas no início do século XX nas principais capitais brasileiras passaram a conviver com práticas seculares e enraizadas na cultura e na sociedade mineira, com seus hábitos e tradições repletas de significados.

De lá para cá<sup>4</sup> aguçou-me sobremaneira o desejo de compreender melhor a experiência de homens e mulheres no tempo, problematizando<sup>5</sup> o tempo histórico, e a presença de diferentes pessoas, e das muitas nuances e particularidades da cultura<sup>6</sup>,

---

<sup>2</sup> NAVA, Pedro (1986, p.113).

<sup>3</sup> MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. **O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930.** 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO/UFMG), Belo Horizonte, 2010.

<sup>4</sup> Conclui o mestrado em março de 2010, e iniciei o pós doutorado em 2021, no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais. Este tempo foi fundamental para levantar questões e debruçar-me sobre as fontes, principalmente na obra de Pedro Nava. Agradeço imensamente ao meu supervisor do Pós doutorado Professor Cleber Augusto Dias, por me possibilitar diálogos sempre muito instigantes e de fundamental importância para a pesquisa.

<sup>5</sup> BLOCH, Marc. Apologia da história: ou o ofício do historiador. Tradução, André Telles. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

<sup>6</sup> THOMPSON, E. P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998. Segundo Eduard Thompson (1998, p.14), o termo "costume", foi empregado para denotar boa parte do que hoje está implicado na palavra "cultura".

nesta cidade tão jovem, e que para desenvolver-se teve que romper com várias premissas e permanências.

O estágio pós doutoral na linha de pesquisa Lazer e História possibilitou-me a necessária liberdade para olhar a cidade e buscar "caminhar" por ela, a partir das fontes e dos registros encontrados nas obras de cronistas, memorialistas e profissionais da imprensa, que, em um determinado momento, procuraram construir seus relatos sobre as práticas cotidianas, e narrar os acontecimentos na cidade, impactados pelos novos tempos que se anunciam com a fundação e organização da nova capital planejada, que sempre parecia instituir um olhar de assombro e de encantamento, com os limites e as possibilidades, de viver numa capital recém inaugurada.

Outro farto material que debrucei-me neste período foram os trabalhos acadêmicos produzidos sobre Belo Horizonte e que contribuíram de maneira fundamental para esta investigação. Como as teses e dissertações de Vilhena (2008), Rodrigues (2006), Ribeiro (2007), Martini (2010), Moura (2010), Pereira (2012), Segantini (2010), Silva (2009) e Souza Neto (2010).

Neste período também revisitei arquivos e periódicos. Os arquivos visitados foram: o Arquivo da Cidade de Belo Horizonte, a Hemeroteca Pública, o Arquivo Público Mineiro, o Museu Histórico Abílio Barreto e o Arquivo da Imprensa Oficial.

O jornal Minas Geraes, orgão oficial do estado, e outros periódicos que circularam pela cidade, como: Diário da Manhã, Diário da Tarde, Diário de Minas, Diário Mineiro, Diário de Notícias, A Epoch, O Estado de Minas, Folha de Minas, Folha da Tarde e Folha da Noite foram também consultados para problematizar diversas visões e práticas instituídas em Belo Horizonte e nos seus arredores.

Para avançar nas compreensões e também desequilibrar-me, naquelas visões já de certa maneira cristalizadas e sedimentadas para mim, descobri na obra de Pedro Nava<sup>7</sup> uma forma de ampliar os meus olhares para além da imprensa, e cuidando de não deixar de perceber os limites e os compromissos da obra de um memorialista - mas que foi assumido neste trabalho com todas as devidas reflexões e responsabilidades sobre este manancial de muita riqueza - na já consagrada e consolidada obra de um memorialista que possui credenciais, a partir das muitas reflexões que o próprio Pedro Nava faz sobre o ofício do historiador e o trabalho do memorialista.

As suas obras foram assumidas neste trabalho em pleno diálogo com outras tipologias de fontes, ajudando-me a costurar determinadas lacunas, e a perceber e a refazer percursos, no que eu chamei de um *footing*<sup>8</sup> com Pedro Nava, que seria impossível de ser refeito sem o registro deixado por esta vasta obra.

## A Capital Mineira

Belo Horizonte, cidade que surge e que se constitui como capital planejada, cidade sonhada, experienciada por pessoas muito diferentes, com suas urgências, suas

---

<sup>7</sup> Pedro da Silva Nava nasceu em Juiz de Fora (MG), no dia 05 de junho de 1903. Em 1911 mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, e em 1913 veio morar em Belo Horizonte, onde passou parte da sua adolescência, juventude e vida adulta, contribuindo em diversas áreas como a medicina, como ilustrador, como escritor e como grande defensor da ciência, da história e das artes. Pedro Nava na sua capacidade de análise, a partir das suas memórias, conseguiu reunir um grande arquivo de lembranças e de registros que abarcam toda uma cultura ímpar e recheada de fatos pitorescos. Sua obra em alguns momentos parece a fotografia de uma época, mas é muito mais que isso, pois o mesmo faz no jogo de escala uma análise profunda de um momento extremamente importante da capital mineira, em particular, mas também da cultura brasileira, com seus paradoxos, seus contrastes e suas permanências. Em 1946, Pedro Nava teve alguns poemas publicados por Manuel Bandeira na Antologia de poetas brasileiros bissexto. Em 1972 Pedro Nava publicou o seu primeiro livro de memórias - Baú de ossos - e que contribuiu para recriar e atualizar o gênero de memórias no Brasil. Posteriormente Nava publicou em 1973 o livro Balão Cativo, e se seguiram, Chão de Ferro em 1976, Beira Mar em 1978, Galo das Trevas em 1981, O Círio Perfeito em 1983, e o livro Cera das Almas, que foi publicado postumamente em 2006, e ficou inacabado, pois Pedro Nava faleceu em 13 de maio de 1984.

<sup>8</sup> O *footing* era uma prática muito comum na capital mineira nas primeiras décadas do século XX, que nada mais era que uma simples caminhada por determinados pontos da cidade, que possibilitava as pessoas se verem, se identificarem, se apropriarem da cidade e se divertirem.

carências, suas agruras, suas diversões, lamentos, encantos, curiosidades e dificuldades.

Pela cidade era possível encontrar "a freguesia habitual do cafezinho e da conversa", o pessoal da "conversa de negócio ou de ócio e a gritaria da turma do futebol", "senhoras da alta", "catraias inexplicavelmente desgarradas àquela hora do dia em tal lugar", "nas ruas cruzavam-se homens e mulheres", e como era de se esperar uns se conheciam e se cumprimentavam, outros não conversavam ou não tinham intimidade para entrar em maiores comentários, "outros não se sabiam mas todos se olhavam e faziam chispar no ar da cidade (do mundo)<sup>9</sup>", todos os sentimentos.

Povo que se constitui por ruas, avenidas, praças e parques, mas também pela área suburbana, não planejada, não desejada, local dos "verdadeiros" construtores<sup>10</sup> da nova capital, com seus hábitos, pouco requeridos pelas elites da cidade, indesejados, esquecidos à própria sorte. Percorrer a cidade "no tempo em que se o fazia flanando" era não se preocupar com o pare, com o siga, da luz vermelha e da verde dos semáforos, "das mangas brancas dos guardas e do trilo de seus apitos". Era nesse cenário que era possível sair do bar do ponto e cruzar a cidade, para o mercado, "para os do cruzeiro", no alto da "cidade lá estava a parede da Serra do Curral lembrando daquele ponto, um pássaro caído de asas abertas - o albatroz de Baudelaire<sup>11</sup>".

Belo Horizonte dos contrastes, do início do século XX, onde o sertão "habitava" no povo, que se recusava a se reconhecer naquele traçado da nova capital, "dos seus limites confusos" e daqueles que ousavam passear pela cidade" peregrinando no tempo", percebendo que a Rua da Bahia "começava muito mais embaixo, na zona

---

<sup>9</sup> NAVA, Pedro (1986. p.6).

<sup>10</sup> Os "verdadeiros" construtores da nova capital: pedreiros, serventes, marceneiros, e todos aqueles que trabalharam ativamente na construção da cidade foram habitar em bairros que foram se constituindo nas áreas periféricas, fora da zona limítrofe que era considerada urbana, ou seja, fora dos limites da Avenida do Contorno.

<sup>11</sup> NAVA, Pedro (1986, p.5).

ferroviária dos seus limites confusos com Januária", era tempo de se aventurar na cidade e se perder pelos jardins da Estação, ou pelas ruas, praças, ou pelos quarteirões e logradouros.

No entanto, interessa-nos como as pessoas naquele momento viviam e se divertiam na cidade, trabalhavam, se relacionavam, sofreram as pressões da religiosidade e dos costumes arcaicos do conservadorismo da tradicional família mineira. Interessa, sobretudo, conhecer "esse pedaço do belo Belo Horizonte<sup>12</sup>", onde alguns padeciam, amavam, sofriam, discutiam, sentiam dores, esperavam e negavam.

Importa-nos como o comportamento das pessoas passaram a ser prescritos, determinados, classificados, mensurados, julgados e avaliados, principalmente no tempo fora do trabalho, e observando as diferentes formas de controle e de resistência, as estratégias de manutenção dos costumes em alguns momentos significavam fortes obstáculos, a adesão de um dito e pretenso modo de vida moderno, que tinha na arquitetura da cidade e nos novos equipamentos de diversão, como o Parque Municipal, uma recusa que podia ser evidenciada a partir dos relatos da não ocupação do espaço, que ficava vazio e sem uso. Algo incompreensível para os idealizadores da Nova Capital.

O portar-se na cidade, para uma parcela dos moradores da Nova Capital restringia-se as reuniões dentro das casas, nos chamados palacetes, mas também no baixo centro onde a freqüência das pessoas era grande, e independente de condições sociais ou financeiras, as diversões ocorriam regadas a muita cerveja, cachaça, a mulheres, a músicas e ao desejo de inebriar-se, escapando assim das rígidas convenções morais e sociais, dos ordenamentos legais e das regras recém instituídas, ou mesmo do

---

<sup>12</sup> NAVA, Pedro (1986, p.12).

peso de ter que incorporar hábitos implantados, principalmente, de uma forte influência eurocêntrica, que no nosso contexto passa a ser super valorizado na capital mineira.

Havia os que cervejavam a noite inteira, uns ostensivamente, a mesa atufalhada de garrafas, sob o olhar reprovador do velhote cheio de compostura que bebia horas a fio, sempre correto e conveniente, mas de meia e meia Brahma de que o garçom tinha de tirar o casco vazio e só noutra viagem trazer nova meia garrafinha. De meia em meia a galinha enche o papo<sup>13</sup>.

## As Diversões em Belo Horizonte nas Décadas de 1920 e 1930

[...] De sorte que somos os urbanos do estado. E esta é a cidade do tédio. Chamaram-na de Bello Horizonte<sup>14</sup>, devido a uns poentes cor de tudo que incendeia o nosso céo, mas qual não pegou. Nem podia pegar. Que quer dizer Bello Horizonte? Nada. Agora meu, com licença. Vou-me embora. Adeus. E saiu bocejando... O outro acompanhou, com os olhos, a sua sombra que desaparecia, e, quatro anos depois, garatujavam estas linhas<sup>15</sup>.

Belo Horizonte<sup>16</sup>, nas primeiras décadas do século XX, vivia gradualmente o seu processo de urbanização. Na cidade aumentavam os contingentes populacionais com a chegada de imigrantes e pessoas provenientes de várias áreas do país, que enfrentavam problemas básicos de infraestrutura típicos de lugares em rápido crescimento.

Belo Horizonte foi planejada para substituir a antiga capital Ouro Preto. Sua construção iniciou-se em 1894 e a cidade foi inaugurada em 1897. Ao compararmos com São Paulo deve-se perceber que esta última precisou passar por uma radical intervenção urbana, já que a sua construção deu-se em função das contingências do

<sup>13</sup> NAVA, Pedro (1986, p.10).

<sup>14</sup> Fiz a opção de manter a ortografia original das palavras encontradas nas fontes por entender que a língua também tem sua história.

<sup>15</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *A cidade do tédio*, citado no DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 1-2, 27 maio, 1921. 1

<sup>16</sup> Belo Horizonte foi construída e planejada para ser a nova capital do Estado de Minas Gerais. Em 1894, foi nomeada uma comissão de técnicos para a sua construção e a inauguração da cidade ocorreu em 1897; à frente do projeto estava Aarão Reis. O projeto para a cidade de Belo Horizonte idealizava uma ruptura com o passado político, econômico e, sobretudo, arquitetônico de Ouro Preto. Segundo Monteiro (1994, p. 56 e 57) “no período de construção da nova capital, o governo de Minas Gerais, interessado em aumentar a disponibilidade de mão de obra sobretudo para os setores da construção civil e do abastecimento, organizou um programa com o intuito de viabilizar a vinda de imigrantes europeus. Em 1892, o governo mineiro passou a conceder passagens àqueles que se comprometesssem a aqui ficarem. O Estado, então, passou a organizar a criação de núcleos coloniais e venda de loteamentos agrícolas com preços especiais para imigrantes”.

povoamento desordenado, em uma sociedade marcadamente desigual. No caso belo-horizontino, a cidade foi idealizada e construída com ruas largas e pretendia ser sinônimo de modernidade. No entanto, a população era composta em grande parte por funcionários vindos do interior do Estado, e também de imigrantes de origens diversas, que mantinham hábitos provincianos. Segundo Julião (1996, p.114),

A construção de uma cidade moderna, Belo Horizonte, para sediar a Capital de Minas Gerais, logrou inscrever no espaço as marcas do poder republicano que ascendia no Brasil, em substituição à antiga Ouro Preto, sede de governo e símbolo incontestável do domínio colonial e da administração da Monarquia recém-destituída. As imagens urbanas evidenciadas no discurso político, em crônicas, notícias de jornais, pequenos gestos de recordação ou mesmo escritas literárias são expressivas de uma nova sensibilidade urbana que emerge no processo de transferência da Capital. Eram sentimentos e percepções que oscilavam entre temores, saudosismos e encantamentos provocados pelo movimento simultâneo de abandono e invenção de uma cidade-capital. Muitas dessas imagens se incorporaram ao imaginário urbano e ainda hoje contribuem para as formulações identitárias de ambas as cidades – Ouro Preto e Belo Horizonte.

Na construção identitária de Belo Horizonte destaca-se as marcas do poder republicano, querendo inscrever no espaço urbano a arquitetura e o traçado que rompesse definitivamente com as lembranças da monarquia. Entretanto, um grande desafio estava colocado: preparar as pessoas que chegavam para habitar a cidade e que não estavam acostumadas com as práticas ditas "modernas", que o novo contexto urbano aspirava.

Nesse cenário conturbado em que a complexidade crescia de forma exponencial, novas práticas e novos hábitos emergiram, embora também houvesse espaço para as permanências e para a tradição em Belo Horizonte.

Segundo Pereira (2012):

A interação entre uma série de comportamentos sociais mais “tradicionalis” e outra composta por movimentos de expansão de uma forma de vida da “modernidade” constitui-se como importante linha explicativa na historiografia de Belo Horizonte. Essa perspectiva permite perceber que os habitantes da cidade, que crescia vertiginosamente, procuraram manter, entre suas formas de sociabilidade, as relações pautadas no face-a-face e em valores de honra e moral, ao mesmo tempo em que procuravam diversificar as

possibilidades de relações interpessoais, como o distanciamento dos laços afetivos nas atividades cotidianas<sup>17</sup>.

As rápidas e intensas transformações na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX pareciam guiar-se pelos preceitos de modernidade; ou seja, os fundadores da nova capital, e uma parcela das pessoas vinculadas a elite da cidade pretendiam ser ou parecer "modernos", apesar da imensa desigualdade social instituída através de séculos, e da diferença cultural, cada vez maior, que foi se constituindo entre alguns membros de uma pretensa elite, e o grande contingente de pessoas pertencentes às camadas populares.

O ser moderno - *ethos* - traduzia-se em compartilhar hábitos e experiências que traduziam o novo, numa sociedade ainda marcada pela tradição, e por costumes arcaicos e provincianos. Essa ambigüidade foi sentida por inúmeros indivíduos que buscavam na cultura urbana, marcada por contradições, miscigenações, padronizações, e uma série de estereótipos - que cresceram de forma exponencial - à medida que mais pessoas provenientes da zona rural, e das classes mais baixas, começaram a se apropriar de códigos, de preceitos e, sobretudo, de práticas que, até então, estavam circunscritas a um pequeno grupo, que buscava se diferenciar dos demais, na tentativa de manter certa "hegemonia cultural", sobre aqueles que ainda não tinham contato com as benesses dos novos tempos.

Segundo Martini (2010):

*Belo Horizonte* aprendeu a conviver com as suas contradições e a "negociar comportamentos". A cidade nasceu territorializada, com locais determinados para morar, trabalhar e se divertir, assim como maneiras de ser e de viver em cada um desses, adequando-as aos novos padrões civilizados. Os espaços foram divididos em relação ao grupo social ao qual se destinavam e, ainda, por atividade ali praticada. E esse desejo de ordem não permaneceu,

---

<sup>17</sup> PEREIRA, Lucas Carvalho Soares de Aguiar. **No intuito de produzir influência educativa:** delegacia de costumes e a prática do meretrício em Belo Horizonte (décadas de 1920 e 1930). Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação - UFMG. Belo Horizonte, 2012.

exclusivamente, no âmbito público. Ele ultrapassou os limites e adentrou-se no privado. A vida privada passou a ser controlada, conduzida e prescrita. Na passagem da rua para o espaço privado surgiram prescrições de comportamentos rígidos para serem cumpridos. A educação dessas condutas se dava nas escolas, pela legislação, pela Igreja, pelas famílias, etc. traduzidas por práticas cotidianas com regras mais rigorosas e outros espaços sociais, públicos ou privados, durante eventos programados ou improvisados. Entretanto, a transgressão dessas mesmas condutas se dava, por vezes, nos mesmos espaços de sociabilidade<sup>18</sup>.

Nesse contexto, uma grande parcela dos operários que vieram ajudar na construção da cidade - e que resolveram ficar na localidade – só pensavam em suprir suas necessidades básicas, e quem sabe conseguir um pedaço de terra que possibilitasse o seu sustento e o de sua família nas imediações da área urbana. Começaram a participar do cotidiano da cidade que os recebeu, e também a se envolver com as novas possibilidades de diversão, que passaram a compartilhar com os funcionários do Estado de Minas Gerais, que vieram de Ouro Preto, e com pessoas de outras origens étnicas, tornando ainda mais complexas e por vezes conflituosas essas relações.

Acompanhando as matérias nos jornais na capital mineira nas décadas de 1920 e 1930 é possível perceber muitas referências as diversões na capital mineira. Entretanto, uma parcela da imprensa, afirmava de forma bem veemente sobre a limitação dessas possibilidades, tal com está expresso abaixo.

Bello Horizonte é denominada com razão, a cidade do Tédio. Pobre de diversões, a cidade, à noite, é um enorme amontoado de casas adormecidas, sobre ruas desertas e sombrias. Temos como única diversão o cinema, que não passa de um monopólio revoltante, onde tudo é levado em conta, menos o interesse do público, que é escorchado impiedosamente<sup>19</sup>.

O que estaria por trás de tanto pessimismo, pois a cidade já tinha diversões como o teatro, as festas, o cinema, o footing, os esportes, os clubes recreativos que promoviam eventos recreativos e festas, as retretas, as apresentações de circos, e os bares que promoviam o convívio social.

<sup>18</sup> MARTINI, Cristiane Oliveira Pisani. Festas, bailes, partidas e contradanças: as danças de sala do Belo Horizonte de 1897 a 1936. Dissertação de mestrado. UFMG, Belo Horizonte, 2010.

<sup>19</sup> Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Domingo, 23 de Março de 1930.

Segundo Vilhena (2008), que refletiu sobre o papel pedagógico da imprensa em Belo Horizonte, autorizando ou desautorizando práticas, segundo os parâmetros do que eram consideradas práticas compatíveis com o que era esperado para a capital mineira, a mesma operou com um discurso formador. A imprensa em Belo Horizonte desempenhou essa função pedagógica dando visibilidade e projeção a certas práticas culturais, bem como obscurecendo outras importantes manifestações, ou ainda repudiando aquelas atividades que estavam em contraposição aos novos padrões de sociabilidade pretendidos para a nova capital, mesmo que determinadas práticas já estivessem enraizadas nos costumes locais.

Os mecanismos acionados para a promoção desses padrões deveriam contribuir para a diminuição do provincianismo local e o estabelecimento de um novo tempo e espaços para as vivências no campo cultural, a partir de novas práticas de lazer, que contribuíssem com o desenvolvimento cultural, formassem pessoas com hábitos compatíveis com o contexto urbano que pretendia-se instituir e elevasse o espírito de civilidade. Entretanto, as apropriações dessa nova maneira de ser, e de viver os novos hábitos, se deram de formas diversas. Muitas vezes, com resistências, de forma enviesada, ou mesmo rompendo definitivamente com o padrão que se queria implantar, gerando, em alguns momentos reações e posturas de denúncia, de repressão, de desqualificação, ou mesmo de deboche e ridicularização, como pode ser visto nas pesquisas de Vilhena (2008), Rodrigues (2006), Martini (2010), Moura (2010), Pereira (2012), Segantini (2010), Silva (2009), Souza Neto (2010) e Silva (2009).

Segundo Vilhena, (2008):

Poucas são as referências ao lazer em Belo Horizonte que estão fora dos moldes modernos pretendidos e apoiados por uma camada pretensamente culta da população e representados maciçamente pelos jornais e revistas, trazendo à tona a sua omissão. Quando elas apareciam, muitas vezes, a redução se manifestava por meio da ridicularização com que eram

apresentadas nas matérias de jornais e revistas" (2008, p.68.).

É possível perceber um incipiente, mas não menos importante, mercado de diversões em Belo Horizonte nas décadas de 1920, que ofertava eventos e atrações culturais com diversificação de opções. Contudo, como em todo ramo de venda de produtos e serviços existiam interesses que podem ser vislumbrados nas fontes, como a tentativa de se instituir um plebiscito, como expresso na matéria do jornal Minas Geraes, de 23 de março de 1930.

Belo Horizonte pensa em fazer um plebiscito, no qual se apurarão as preferências do povo dentro deste questionário. Qual, para vossa interesse, a empresa que deveria explorar as diversões em Belo Horizonte; a atual ou a antiga? O que se precisaria fazer para que Belo Horizonte tivesse uma perfeita organização destinada a proporcionar diversões públicas? Será o próprio povo, de que nos orgulhamos de ser um dos bons amigos, que dirá do descalabro reinante nesse importante assunto para uma grande cidade como já é a nossa capital<sup>20</sup>.

Pelo exposto na fonte acima, alguns indícios nos dão a entender que já existiam duas empresas gerenciando e administrando o mercado de diversões em Belo Horizonte, e pelo que tudo indica as pessoas já tinham a compreensão que este era um setor rentável economicamente, pois o termo utilizado "explorar", já era empregado na matéria do jornal Minas Gerais. Contudo, não temos mais informações a respeito dessas duas empresas que comandavam o incipiente mercado de entretenimento na capital mineira, e nem mesmo muitas referências sobre o preço dos ingressos, e sobre o valor das entradas nos espetáculos e eventos culturais na cidade.

Muitos espetáculos teatrais foram noticiados na imprensa belorizontina, como o ocorrido no Theatro Capitólio, com a Companhia Nino Nello, o festival dos artistas Victorio Soares e Nogueira Sobrinho, "com grande assistência, o espetáculo mereceu repetidos aplausos da plateia<sup>21</sup>". Se de fato, o espetáculo obteve sucesso e divertiu

---

<sup>20</sup> Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Domingo, 23 de Março de 1930.

<sup>21</sup> Minas Gerais - domingo, 10 de abril de 1927, p.10.

efetivamente os expectadores é impossível saber, e nem mesmo se o teatro estava realmente cheio é possível afirmar, pois nas matérias vinculadas neste período pelos jornais e revistas na capital não temos a divulgação do público pagante. Devemos sempre lembrar que o *Minas Geraes*, era o jornal oficial do estado e tinha, como afirmado anteriormente, um papel de instituir um discurso que fomentasse novos hábitos.

Uma observação no panorama cultural da cidade pode ser vislumbrada através da análise da imprensa. Apenas em uma edição do *Minas Gerais* de 12 de Junho de 1927 foi possível ter a dimensão, e o "termômetro", da variedade de opções culturais disponíveis à população da cidade, pois somente na seção "Artes e diversões", era anunciado os seguintes espetáculos e eventos: no Theatro Municipal, a Companhia de comédias Iracema de Alencar estava em cartaz com a peça "É preciso saber viver", "comédia em três actos, considerada pela crítica uma das melhores do gênero"<sup>22</sup>. Na Praça da Liberdade as Retretas, seria exibido um programa de peças a serem executadas pela banda de música do 1º batalhão da Força Pública<sup>23</sup>. Na mesma semana estava previsto um Festival de Cinema, promovido pelos conhecidos e apreciados artistas Modesto Souza e Esther Souza, "o programa a ser executado está sendo caprichosamente organizado e faz prever grande brilho para o festival"<sup>24</sup>.

Outro evento que havia ocorrido, no dia anterior, no Theatro Municipal foi o Concerto do jovem violinista brasileiro Sr. Oscar Borgeth, momento em que a "platea bellorizontina vibrou com tamanho arrroubo, em nenhum outro os aplausos foram tão incontidos, espontâneos e calorosos"<sup>25</sup>. Neste evento esteve presente nada menos que o

---

<sup>22</sup> *Minas Gerais* - domingo 12 de junho de 1927, p.12.

<sup>23</sup> Idem ao anterior.

<sup>24</sup> Idem ao anterior.

<sup>25</sup> *Minas Gerais*, domingo, 12 de junho de 1927, p.12.

sr. presidente Antônio Carlos com a sua família. O mesmo também compareceu na exposição de pintura de Orozio Belém, inaugurada no salão de festas do Clube Belo Horizonte<sup>26</sup>. O que nós dá uma referência de como estes eventos passaram a ser apreciados e valorizados pelos setores mais abastados da sociedade. Além de toda a programação, mencionada anteriormente, temos ainda na mesma edição do jornal os filmes que seriam exibidos nas salas de cinema na capital mineira. O mesmo periódico trazia diariamente a programação dos principais cinemas em atividade no município, como: Odeon, Avenida, Pathé, America, Floresta e Brasil<sup>27</sup>.

Analizando o contexto apresentado nas fontes é possível observar uma profusão de opções culturais, o que possibilitava aos habitantes da capital mineira ter uma vida cultural com diversidade e intensidade. Mesmo que as pessoas não tivessem efetivamente educação<sup>28</sup> para freqüentar tais espaços, ou não fossem assíduas freqüentadoras de espetáculos teatrais, música, cinema e exposições artísticas, o fato é que estas manifestações estavam ocorrendo na capital com divulgação da imprensa e com uma tentativa de promover o entusiasmo das pessoas, tentando despertar nos leitores dos jornais uma curiosidade, ou sensação de pertencimento a estes espaços, que ao certo ainda não estava amplamente consolidado naquele momento.

---

<sup>26</sup> Idem ao anterior.

<sup>27</sup> Idem ao anterior.

<sup>28</sup> A questão da educação para o lazer ainda não era uma preocupação que estava explícita nas fontes no início do século XX, e isso se deve em grande medida pela centralidade e grande pressão social, moral e cultural pelo trabalho, como uma dimensão da vida humana que é supervalorizada na vida das pessoas na sociedade capitalista, em detrimento de outras vivências e experiências, e essa é uma permanência que está presente até os dias de hoje e que vai se reatualizando no decorrer do séculos XX e XXI, ganhando novos contornos e sendo uma preocupação constante na vida da população. Sobre este assunto ver especialmente o capítulo 4 - "A economia moral da multidão inglesa no século XVIII" e o capítulo 6 - "Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial", do livro: "Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional" de E. P. Thompson.

Entretanto, nas fontes consultadas não temos maiores informações sobre o preço dos ingressos ou sobre o número de espectadores, ou mesmo sobre como os artistas viviam ou eram remunerados pelo seu trabalho.

Além de tudo isso tínhamos o futebol<sup>29</sup>, sem dúvida, a principal possibilidade de diversão da "grande massa popular<sup>30</sup>", já naquele momento, capaz de mexer com os ânimos e com a paixão da população, e por isso uma preocupação das entidades que promoviam os jogos. A Liga Mineira chegava ao ponto de solicitar

o cunho da mais estreita cordialidade desportiva conforme as suas tradições, pedem a todos aqueles que os distinguem com a sua simpatia que, por ocasião dos jogos do dia 12, se abstenham de quaisquer expansões de incontido entusiasmo, sempre que essas possam melindrar aos seus jogadores ou aos seus juízes das partidas, aos quais é devido o máximo acatamento, muito embora o seu procedimento não pareça acertado. As diretorias dos clubes esperam não ser necessário o emprego de medidas repressivas a esse respeito, mas a exercerão com energia, sempre que as mesmas se façam preciso afim de que corram na melhor ordem as partidas desportivas, demonstrando assim o grau de cultura dos clubes disputantes<sup>31</sup>.

Pela matéria acima podemos avaliar o que representava o futebol para as pessoas neste momento, a ponto das autoridades se preocuparem com o que aconteceria dentro de campo, pois os jogos teriam uma grande assistência, composta de autoridades, associados dos clubes, convidados e a população em geral, e estavam "terminantemente proibidas, quaisquer manifestações hostis aos juízes, jogadores, autoridades desportivas, etc... quer por parte dos associados, quer do público em geral<sup>32</sup>.

Folheando o jornal Minas Geraes, observando sua materialidade e analisando suas seções tínhamos: a Seção Artes e Diversões que trazia informações de Cinemas, Theatros, Retretas e Artes em Geral, podemos ter uma dimensão da quantidade de eventos que a capital mineira promovia nas décadas de 1920 e 1930. Tínhamos também

<sup>29</sup> Para saber mais sobre o futebol na capital mineira no início do século XX consultar: COUTO (2003), MOURA (2010), RIBEIRO (2007), SOUZA NETO (2010).

<sup>30</sup> Minas Gerais, domingo, 12 de junho de 1927, p.12.

<sup>31</sup> Idem ao anterior.

<sup>32</sup> Idem ao anterior.

a Seção Associações que também trazia notícias de festas, eventos benéficos, reuniões e outras ações que ocorriam no tempo livre das pessoas, e que podiam ser entendidos por muitos como uma forma de ocupação do tempo e de divertimentos. Tínhamos também a parte de Ocorrências Polícias, que divulgava, principalmente na parte da "Delegacia de fiscalização de costumes e jogos<sup>33</sup>", o que estava sendo reprimido e autuado, e, que na maioria das vezes, tinha a ver com a censura teatral, ou com a censura de filmes cinematográficos, com a investigação de pessoas que eram acusadas de promover ofensas à moral, ou outras ocorrências que tinham início nos momentos de diversão na cidade.

Vale a pena mencionar que a capital mineira tinha também uma "Liga pela moralidade" que tinha sempre espaço no jornal oficial do estado e que também tinha o papel de censurar o que era julgado como ofensivo a moral e aos bons costumes, "esta associação censurou os seguintes filmes: Inoffensivos: o rei da sella - Vaqueiro improvisado - Audaz e ligeiro...<sup>34</sup>". O que chama a atenção neste caso é que não era divulgado o nome dos integrantes da referida liga e nem quais eram os critérios para o julgamento do que era censurado, e também que existia uma delegacia que institucionalmente já fazia este mesmo papel de reprimir, pelo que tudo indica do ponto de vista moral estes produtos culturais.

Muitos eventos culturais e festivais que ocorriam para a diversão da população em Belo Horizonte eram em benefício de alguma instituição ou grupo de pessoas, como o divulgado abaixo, na Seção Artes e diversões:

Realizar-se-á, amanhã, às 20 e meia horas, no Theatro Municipal, o anunciado recital de arte, em benefício da "Sopa diária dos alunos débeis" do Grupo escolar Silviano Brandão, promovido pela Associação das Mães de Família daquele estabelecimento de ensino. A festa que constará de um recital

---

<sup>33</sup> Minas Gerais - segunda e terça feira, 16 e 17 de abril de 1928, p.10

<sup>34</sup> Minas Gerais - segunda e terça feira, 17 e 18 de junho de 1929, p.10.

de canto da festejada soprano senhora Telles de Menezes, será, por certo, de grande êxito, a julgar do belo programa<sup>35</sup>.

É importante observar que neste sentido ser um evento benéfico, numa sociedade que supervalorizava o trabalho, e que, tinha muitos preceitos morais e costumes, que estavam em consonância com o tradicionalismo e a religiosidade da sociedade mineira, de certa forma, liberava as pessoas para obterem os prazeres que em outras circunstâncias eram vistos como supérfluos.

## Um Footing com Pedro Nava pelas Diversões de uma Belo Horizonte de Outros Tempos

O cotidiano desvelado pela obra de Pedro Nava nos revela muito mais que a genialidade de um memorialista que "parindo" suas memórias, frutos de suas experiências, das suas venturas e desventuras, apegava-se nas pessoas - familiares, amigos e conhecidos -, tão importantes para as diferentes tramas narradas com uma paixão ímpar pelas cidades onde viveu, mais especificamente, Juiz de Fora, Belo Horizonte e o Rio de Janeiro.

Pedro Nava, no seu apego pela sua família e, principalmente pelos amigos, pelos lugares e pelas diferentes atividades, que era muito mais que ocupação do tempo, era sim desejo, vontade de aprender, de viver e de ousar.

Como um excelente observador do cotidiano, condição indispensável para um memorialista Pedro Nava dá conta de toda uma cultura, de seus códigos, suas contradições, e mazelas. E assim, começamos o nosso *footing* por Belo Horizonte, acompanhado, nada mais nada menos, de Pedro Nava.

Finalmente chegaram as quatro pancadas do relógio e eu atirei-me livre escada abaixo, às liberdades da Praça da Liberdade afora. Logo comecei a

---

<sup>35</sup> Minas Gerais - segunda e terça feira, 23 e 24 de janeiro de 1928, p. 11.

inventar caminhos variados pra voltar para casa. Às vezes descia Bahia a pé, até ao Bar do Ponto. Visão de fachadas que ficaram na minha lembrança como cara de velhos amigos (...) (Nava, 1985, p.40).

E era de forma livre, se apropriando da cidade, atento aos detalhes e as pessoas, que o registro feito por Pedro Nava se torna de uma riqueza ímpar. Ele na sua descrição cita as residências como as do Carneiro de Rezende, a dos Junqueira, a chefatura de polícia, os comércios, os consultórios, as pessoas que marcaram na memória e que estavam caracterizadas no espaço e no tempo, que personificaram seus nomes e se imbricaram pelas ruas da cidade, associando sua imagem àqueles percursos que compunham, e que davam ao cotidiano a espera de sempre encontrá-las naqueles itinerários desejados e, ou necessários, para quem fazia desse caminho uma rotina sempre desejada, de descobertas e de curiosidades, pelo mais trivial, ou pela imagem de um tempo em que nada era simplesmente corriqueiro ou sem possibilidades de reinvenção do cotidiano.

E nesse sentido casa e rua, se complementavam neste cenário onde tudo era registrado pela ótica do observador atento que futuramente analisaria com minúcias e requinte de sofisticação a experiência de entrega na cidade. A rua neste sentido, e apesar de ter os seus "perigos" e riscos, era uma extensão da casa, talvez por isso Pedro Nava não se dedica a descrever suas rotinas dentro do lar e prefere a rua, com seus encantos, a sua arquitetura e todos os personagens fascinantes, que ele encontra e cita nas suas obras. Cada detalhe é uma parte necessária, ou porque não, indispensável, nessa arqueologia, que como diria Benjamin, tem a necessidade de escovar a contrapelo todos os vestígios, resquícios, detalhes, e personagens que compõem de forma absolutamente única a história da cidade e de todos os seus moradores e recantos. Absorve e digere sentidos e significados presentes nas práticas, nos rituais e no imaginário coletivo de um

povo fortemente marcado por suas tradições, costumes e instituições: como a família, a escola, a religiosidade, as múltiplas maneiras de desfrutar do tempo livre, seja no cinema, no bar, na rua, ou nos diversos espaços de sociabilidade, ou quando as diferentes circunstâncias permitiam ou exigiam buscar outros caminhos:

Às vezes, quando obrigatoriamente no calcante, sobretudo fim do mês cobres curtos, escolhia outros itinerários. Percorri-os anos e anos sempre que ia para nossa rua Caraça. Geralmente tomava por Cláudio Manoel. Às vezes dava uma entrada nos Baeta Neves, cuja casa ficava nessa rua, para conversar com o Roberto, que era meu companheiro de faculdade. Ele perdia-se em indagações filosóficas vida morte ser não ser naquele período em que se abriu a fase hamletiana de sua curta vida. Sua moradia era moderna americana, diferente do padrão das construções de Belo Horizonte (Nava, 1985, p.40).

Um passeio com Pedro Nava, pela sua obra e por suas memórias desmente a hipótese de que Belo Horizonte era uma cidade sem diversões. Embora o próprio Nava, em alguns trechos da sua obra, explice uma certa constatação de que as ruas de Belo Horizonte eram muito "quietas", tal como na passagem em que o autor diz que "estas manifestações e as arruaças dos estudantes eram as únicas coisas que sacudiam a quietude das ruas de Belo Horizonte" (Nava, 1985, p.288). Neste caso, o autor está se referindo as manifestações políticas que aconteciam na cidade e eram motivadas principalmente pela chegada de políticos que "vinham de excursões consagratórias no interior, voltavam de eleições unâimes, chegavam para ler ou depois de ter lido plataformas" (Nava, 1985, p.287).

Analizando a passagem acima, e acompanhando todo o movimento da cidade, não é possível perceber qual é o parâmetro de comparação, ou mesmo qual é o motivo por que Pedro Nava dá um destaque a essa presença nas ruas, talvez porque ela tivesse uma movimentação diferente, pelo volume de pessoas que ocupavam as ruas, ou a intensidade e a própria postura das pessoas que se exaltavam de uma maneira mais enfática ao defender suas ideias, e os políticos que os representavam, pois segundo ele

"nem sempre as ruas de Belo Horizonte eram para nós esse regalo de crepúsculo, dias de sol, dias de chuva, palestra, vida disponível, Clube, Odeon, Estrela" (NAVA, 1985, p.286), pois no movimento das pessoas e na presença das massas o sentimento de reivindicação e de discordância também representava o desejo de um lugar melhor para se viver. Neste sentido "havia também os dias de barricada e guerrilhas", pois aquilo que mais mexia com os ânimos das pessoas era evidentemente aquilo que mais importava e dava sentido, prazer, e animava os dias e as noites da cidade, e torna-se muito revelador que o que mais mobilizava eram as diversões como o cinema, a freqüência aos bares, ao campos de futebol. "Tais coisas aconteciam quando os Gomes Nogueira com filme especial aumentavam o preço da entrada dos cinemas e tornava-se assim necessário depredá-los" (Nava, 1985, p.286).

O cinema tornou-se uma grande possibilidade de divertimento na capital mineira. Podemos constatar isso pela quantidade de salas de cinema e pela diversidade de títulos exibidos que a imprensa mineira noticiava diariamente. O registro feito por Pedro Nava dos fatos e dos rituais que compunham a ida ao cinema, o encontro entre as pessoas, o movimento nas salas de cinema, os fatores que motivavam as pessoas a freqüentarem estes espaços e a forma como o cinema se expandiu em Belo Horizonte.

Aquele hoje era um sábado dos ontens. Às sete e trinta já estávamos diante do Odeon vendo quem entrava para aguardar a segunda sessão que começava às oito e terminava às dez. O cinema ficava num belo prédio de dois andares cujo lado esquerdo (de quem olhava) abria para o sobrado do Comendador Fonseca (em cima) e para a Charutaria Flor de Minas (embaixo) (Nava, 1985, p.48).

O que mais me mobilizou para analisar os sentidos e significados atribuídos a diversão na cidade de Belo Horizonte, desde que eu comecei a tomar contato com a historiografia sobre a capital era a impressão de alguns cronistas e estudiosos de que Belo Horizonte era pobre de divertimentos, cidade do tédio, pueirópolis, ou outros

termos depreciativos que deturpavam, ou mesmo consideravam insignificantes, ou pouco expressivas a vida cultural, ou mesmo o mercado de entretenimento da capital de Minas Gerais.

Essa compreensão era totalmente infundada, pois ao me ater as fontes, principalmente os impressos, fui adquirindo uma outra visão e compreensão das diversões em Belo Horizonte. Ao analisar detidamente este rico material de vários periódicos pude constatar uma vasta oferta de opções de lazer, que eram comercializados a diferentes públicos, e que tornava a vida cultural da cidade interessante e diversificada.

Pedro Nava nas suas "andanças" por Belo Horizonte contribuiu através da sua vasta obra para costurar várias fontes provenientes da imprensa, que carregavam diferentes representações, que na essência são todas repletas de intencionalidades, por vezes contraditórias, mas que também tem a ver com as diferentes visões e experiências dos cronistas, encarregados de traduzir as vivências de um outro tempo.

Em alguns momentos, ao fazer o cruzamento das fontes, é possível perceber muitos pontos dissonantes, e ao tentar analisar e interpretar os diferentes documentos foi de extrema relevância as análises já efetuadas por outros pesquisadores que estudaram a cidade de Belo Horizonte no mesmo período.

Caminhar com Pedro Nava pelas ruas de Belo Horizonte, através dos seus livros de memória, é se aventurar por uma cidade fascinante, é pertencer de alguma forma às suas redes de sociabilidade e descobrir os encantamentos de um autor que tinha muito compromisso com as suas memórias, como é possível perceber na passagem abaixo do livro *Beira Mar*:

Aliás, continuando a fazer o que tenho procurado fazer até aqui nas minhas recordações - não as escrevendo para agradar nem para transformá-las em investimento de lisonjas. Nesse terreno a sinceridade se impõe porque

escrever memórias é um ajuste de contas do eu com o eu e é ilícito mentir a si mesmo. Essa franqueza assenta em quem escreve se amparando, assistindo, socorrendo, na solidão terrível da existência. Seria insensato não aproveitar tal ocasião de darmos a nós mesmos o que pudermos de verdade e companhia. Escrever memórias é animar e prolongar nosso alter ego. É transfundir vida, dar vida ao nosso Willian Wilson, é não matá-lo - como na ficção de Poe. E essa vida é a verdade. Com essa digressão tomei atalho dentro do qual devo dar mais uns poucos passos para deixar claro no leitor, a concepção do que considero memórias. Para quem quer escrevê-las sendo leal consigo mesmo - há que fazer tábua rasa das imposições familiares, vexações do interesse material, do constrangimento idiota da vida social. Impõe-se a tomada cícial do que João Ribeiro batizou a "filosofia do exílio". Não só no sentido dado pelo mestre ao isolamento necessário ao trabalho, mas principalmente, à obrigatoriedade de ruptura com os próximos e destes, sobretudo com aqueles a quem só nos liga escassamente o costume, a convivência, a mera coincidência - jamais a verdadeira afeição (Nava, 1985, p.198-199).

Contudo, para muitos cronistas Belo Horizonte era uma cidade que ainda estava em construção, e muitos aspectos precisavam ser melhorados na suas condições de infraestrutura, como:

Dizem uns que Bello Horizonte vae bem; dizem outros que vae mal e eu digo que não vae nem bem nem mal. Proclamam uns que elle vôa com azas de condor; lamentam outros a sua morosidade de jaboty; para mim elle nem vôa e nem vae a passos demasiado vagarosos. Uns dão-lhe o nome de cidade moderna e elegante; outros chamam-lhe de aldeia; para mim elle não é uma perfeita cidade moderna, mas também não é uma aldeia: – fico sempre no meio termo, porque Bello Horizonte está num meio termo [...]<sup>36</sup>.

A morosidade reclamada na crônica acima pode ser analisada de muitas formas, mas penso que a maior parte destas queixas centra-se no fato das grandes expectativas que projetava-se para a nova capital. Neste sentido, Belo Horizonte não podia ser considerada nem uma cidade elegante e moderna, e nem uma aldeia<sup>37</sup>.

O fato de Belo Horizonte estar num meio termo para o cronista diz muito da vida, da rotina e dos hábitos das pessoas que de alguma forma conviviam com paradoxos, com muitos costumes que estavam enraizados no cotidiano da vida ordinária, em que o rural, o arcaico, o considerado atrasado e obsoleto podia conviver com as expectativas de uma *urbs* que deveria voar alto e veloz como um Condor, como

---

<sup>36</sup> ZUT, 1910, p. 6.

<sup>37</sup> ZUT, 1910, p. 6.

ansiava os preceitos da modernidade, mas que também poderia ter características de cidade do interior, com o seu vagar peculiar se assemelhando com os passos de jabuti.

Nessa seara, de desejos que comportava ambigüidades, até mesmo contradições, onde o velho e o novo podiam conviver, esta sensação permanente de que "Belo Horizonte não vai bem nem mal", de que "está num meio termo", de que o sentimento de falta, de não estar evoluindo, quando se comparava com outras capitais que se apresentavam como modelos de modernidade, de avanço e de tudo o que os novos tempos anunciaavam. Mas o fato é que a precariedade, as ausências do estado e a pobreza podia ser evidenciada a todo momento, ainda mais quando se saia nas ruas principais da recém fundada capital de Minas Gerais.

A riqueza da obra de Pedro Nava não pode ser mensurada, pois ele desnuda, através das suas redes de sociabilidade, das suas amizades e das suas muitas experiências pelas ruas da cidade o "fundo do fundo de Belo Horizonte<sup>38</sup>", apresentados muitas "sob a batuta" de algum "Florinécio". Fatos e lugares que certamente os jornais e a imprensa oficial gostaria de apagar, ou de não evidenciar, tais como:

Sob a batuta do Florinécio vimos o fundo do fundo de Belo Horizonte. Ele conhecia bordéis mais vagabundos que o Curral das Éguas espalhados no Calafate, atrás do Doze; na Floresta, nos caminhos do Pipiripau; no Quartel, entre a Rua Niquelina e o Raul Soares (este mantido por uma negra enorme que o Sá Pires chamava a Menor Teodora); no Bonfim, sobrepujando o Cemitério; no Carlos Prates, nas veredas da Gameleira, do Matadouro, do Acaba Mundo, da Lagoa Seca, da Lagoa Santa, do Vira Saia, do Quebra-Bunda. Eram lugares perigosos cheios de desordeiros<sup>39</sup>...

## Considerações Finais

O presente trabalho de pesquisa explicitou como as diversões de Belo Horizonte aconteciam de forma constante nas primeiras décadas do século XX. Ao fazer o

---

<sup>38</sup> NAVA, Pedro. Beira Mar. Memórias IV, 3 ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>39</sup> NAVA, Pedro. Beira Mar. Memórias IV, 3 ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p.90.

cruzamento das fontes da imprensa com as memórias de Pedro Nava foi possível perceber não somente o que dizia a imprensa e os órgãos oficiais, mas também aquele que viveu este período tão rico e importante da capital mineira e da sociedade brasileira.

Outros trabalhos podem e devem investir em novas indagações e outras fontes, incluindo a literatura e documentos particulares que podem ser problematizados e analisados sob outras perspectivas, novas abordagens ou campos da história.

Contudo, neste trabalho foi possível, a partir das fontes, ampliar os olhares sobre as múltiplas possibilidades de diversão na capital mineira, e também entender melhor o papel da imprensa como instituição formadora, e que, de alguma forma, agia como instituição que afirmava e legitimava práticas, condutas e tendências, e que, por outro lado, também desautorizava muitos hábitos e atividades que não eram vistas com bons olhos pela sociedade tradicional belorizontina.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A cidade do tédio**, citado no DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 1-2, 27 maio, 1921.
- ARQUIVO DA IMPRENSA OFICIAL. **Jornal Minas Geraes**, domingo, 12 de junho de 1927, p. 12.
- ARQUIVO DA IMPRENSA OFICIAL. **Jornal Minas Geraes** - segunda e terça feira, 16 e 17 de abril de 1928, p.10.
- ARQUIVO DA IMPRENSA OFICIAL. **Jornal Minas Geraes** - segunda e terça feira, 17 e 18 de junho de 1929, p.10.
- ARQUIVO DA IMPRENSA OFICIAL. **Jornal Minas Geraes** – Domingo, 23 de março de 1930, p. 9.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história**: ou o ofício do historiador. Tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o Futebol:** integração social e identidades coletivas (1897-1927). Dissertação (Mestrado em História) – PUC-MG, Belo Horizonte, 2003.

DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 1-2, 27 maio, 1921. 1.

JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). **BH:** horizontes históricos. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

MARTINI, Cristiane de Oliveira Pisani. **Festas, bailes, partidas e contradanças:** as danças de sala do Bello Horizonte. Dissertação (Mestrado em Lazer). EEFTO/UFMG. Belo Horizonte, 2010.

MINAS GERAES - Domingo, 23 de Março de 1930.

MINAS GERAIS - Domingo, 10 de abril de 1927, p.10.

MINAS GERAIS - Domingo 12 de junho de 1927, p.12.

MINAS GERAIS - Segunda e terça feira, 16 e 17 de abril de 1928, p.10

MINAS GERAIS - Segunda e terça feira, 17 e 18 de junho de 1929, p.10.

MINAS GERAIS - Segunda e terça feira, 23 e 24 de janeiro de 1928, p. 11.

MONTEIRO, Norma de Góes. **Imigração e colonização em Minas (1889-1930).** Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia limitada, 1994.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. **O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas:** o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais (EEFTO/UFMG), Belo Horizonte, 2010.

NAVA, Pedro. **Beira Mar – Memórias 2 - 4.** ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NAVA, Pedro. **Beira Mar – Memórias 4 - 3.** ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

PEREIRA, Lucas Carvalho Soares de Aguiar. **No intuito de produzir influência educativa:** delegacia de costumes e a prática do meretrício em Belo Horizonte (décadas de 1920 e 1930). Dissertação (Mestrado em Educação). FAE/UFMG. Belo Horizonte, 2012.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal:** os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: FAFICH/ UFMG, 2007.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade** - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). (Tese de doutorado em História). FAFICH/UFMG. Belo Horizonte, 2006.

SEGANTINI, Verona Campos. **Fundando sensibilidades, educando os sentidos**: dos sujeitos na cidade (Belo Horizonte, uma capital no ano de 1900). Dissertação (Mestrado em Educação). FAE/UFMG, 2010.

SILVA, Marina Guedes Costa e. **A moral e os bons costumes**: a experiência da cidade nas narrativas policiais (Belo Horizonte, 1897 - 1926). Dissertação (Mestrado em Educação). FAE/UFMG, 2009.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904 - 1930). Dissertação (Mestrado em Lazer). EEFTO/UFMG. Belo Horizonte, 2010.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

VILHENA, Kellen Nogueira. **Entre "sãns expansões do espírito" e "sarrilhos dos diabos"**: lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895-1922). Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

ZUT. Chronica. **Novo Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 6, 1910.

#### **Endereço do Autor:**

Rodrigo Caldeira Bagni Moura  
Endereço eletrônico: rodrigo.cbmoura@hotmail.com